

RESENHA

DEFENDENDO A
CONVERSÃO
DE CONSTANTINO

DEFENDING CONSTANTINE'S CONVERSION

DEFENDIENDO LA CONVERSIÓN DE CONSTANTINO

Mateus Dal Ben Arruda¹
Willibaldo Ruppenthal Neto²

LEITHART, Peter. **Em defesa de Constantino: O crepúsculo de um Império e a aurora da cristandade.** Trad. Natan Sales de Cerqueira. Brasília: Monergismo, 2020.

O AUTOR DO LIVRO

Peter Leithart é Mestre em Religião pelo Seminário Teológico de Westminster, bem como PhD pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Foi um ministro presbiteriano, e atualmente atua na Comunhão de Igrejas Evangélicas Reformadas, tendo fundado a Igreja Reformada Immanuel. Também é presidente do Instituto Theopolis de Estudos Bíblicos, Litúrgicos e Culturais em Birmingham, Alabama. É autor de inúmeros livros, dentre os quais se destaca a obra aqui resenhada, *Em defesa de Constantino*, que é seu texto mais conhecido e que gerou mais repercussão.

INTRODUÇÃO

O livro *Em defesa de Constantino* tem como intenção, como é explícito pelo título, defender Constantino. As perguntas que devem ser feitas, porém, são: Defende do que? E defender para quem? Leithart intenciona defender Constantino das acusações que ele não teria se convertido realmente, e teria deturpado o cristianismo, e faz tal defesa focada justamente no público cristão.

¹ Bacharel em Engenharia Mecânica (UFPR). Graduando em Teologia (FABAPAR). E-mail para contato: mateus.d.arruda7@gmail.com

² Doutor, Mestre, Bacharel e Licenciado em História (UFPR). Bacharel em Teologia (FABAPAR). Professor de Teologia na FABAPAR e de História nos seminários da CBB. Apresenta o quadro “História da Igreja” na Rede 3.16, da Junta de Missões Nacionais, da CBB. Editor-chefe da *Pneuma: revista teológica*. Brasil. E-mail para contato: professor.willibaldo@fabapar.com.br

Leithart entende que, diferente do passado, quando era comum os historiadores verem Constantino como um aproveitador e um político manipulador, hoje a historiografia costuma defender sua conversão como genuína. A posição, portanto, se inverteu, de modo que a visão majoritária é positiva em relação ao primeiro imperador cristão. O problema, porém, é que tal mudança não foi acompanhada pela Igreja, de modo que os cristãos, diferente dos historiadores, permanecem com preconceitos sobre Constantino, vendo-o de forma estereotipada, como um líder maquiavélico, que apenas fingiu ter se convertido para usar o cristianismo como ferramenta política, e que teria deturpado a Igreja para cumprir seus propósitos.

AS PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS NA OBRA

Neste sentido, Leithart se posiciona principalmente contra a visão de John Howard Yoder, teólogo menonita que defende o pacifismo cristão. Segundo Yoder, Constantino deturpou a religião cristã, transformando os cristãos, que eram pacifistas, em pessoas dispostas a matar em nome do Estado.

A crítica de Yoder a Constantino é de natureza eclesiológica. Ele afirma que antes de Constantino, o cristianismo era uma religião minoritária e perseguida, e que era necessário ousadia para ser cristão. Após Constantino, era necessário ousadia para não ser cristão. A idéia de um cristianismo verdadeiro se perdeu. Para ele, depois de Constantino, a igreja era todo mundo. Com isso, os cristãos desenvolveram a “doutrina da invisibilidade da verdadeira igreja” (Leithart, 2020, p. 335), para separar os verdadeiros cristãos dos cristãos meramente nominais. Isso é um problema porque uma igreja invisível não oferece para a sociedade um padrão de vida e prática a ser seguido.

Além disso, como “a igreja era todo mundo” (Leithart, 2020, p. 335), aqueles que tinham vocação política ou militar, ao se juntarem ao Estado, praticavam aquilo que um cristão jamais deveria: violência e morte. Nesse sentido, para Yoder, isso se torna uma heresia escatológica. Na visão dele, Jesus triunfou sobre os poderes políticos desse mundo, e que os esforços da igreja devem ser dedicados a resistir à sedução do poder. Com isso, ao se aliarem ao Estado, os cristãos estariam se opondo a esse princípio graças ao cristianismo introduzido por Constantino.

Em sua defesa de Constantino, Leithart defende Eusébio de Cesaréia, que foi fundamental na construção de uma valorização teológica da imagem de Constantino. Sobre ele, Leithart afirma: “Eusébio exagerou as virtudes de Constantino e ignorou seus vícios, mas sua atitude para com um império cristão faz mais sentido quando percebemos que ele testemunhou pessoalmente alguns dos horrores da perseguição na Palestina” (Leithart, 2020, p. 31-32).

Isso, porém, não justifica os exageros de Eusébio. Afinal, Eusébio faz uma verdadeira “teologia política”, como destacou Andréia Rosin Caprino (2017b, p. 73), afirmando que Constantino “foi levantado contra os ímpios tiranos pelo Imperador supremo, o Deus do universo e Salvador” (Eusébio, citado por Caprino, 2017b, p. 90). Assim, a História Eclesiástica, precursora na historiografia cristã, é uma afirmação do poder de Constantino (Caprino, 2017a, p. 47) bastante evidente, e constrangedora para aqueles que sabem bem os perigos da exaltação de personalidades políticas como símbolos do cristianismo: “Como, em trevas espessas e noite muito escura, brilha subitamente um grande astro, Deus para salvação geral, levou pela mão a esta região seu servo Constantino ‘de braço levantado’ (cf. Ex 6,1)” (HE, X.8.19; Eusébio de Cesaréia, 2000, p. 505).

Leithart admite que Constantino não apresentava muita sofisticação teológica, mas, ainda assim, Eusébio, atesta que o imperador recebeu educação clássica refinada e, após 312, mergulhou no estudo das Escrituras sob orientação de mestres cristãos. Para Leithart, esse dado desconstrói

interpretações que retratam Constantino como apenas um simpatizante político do cristianismo: trata-se de um governante que buscou, com os recursos intelectuais disponíveis, integrar-se à fé que havia abraçado.

Leithart também reconhece que Constantino foi um político hábil, atento à estabilidade e à unidade do império. No entanto, o argumento do autor é que o imperador não compreendia a unidade da Igreja como um instrumento sociológico de coesão imperial, como se a população cristã, ainda minoritária no início do século IV, pudesse servir de “cola” para o império (Leithart, 2020, p. 91-92). Em vez disso, Constantino possuía uma convicção teológica de que divisões entre cristãos desagradam a Deus, e, portanto, ameaçavam tanto a Igreja quanto o governante responsável por sua proteção.

Essa concepção ecoa a visão de mundo antiga permeada pela integração entre política e religião. Assim como Diocleciano havia atribuído as crises do império à negligência dos cultos tradicionais, Constantino atribui a saúde da política à correta adoração do Deus cristão. A diferença não está no modelo que mistura política e teologia, mas no conteúdo dessa teologia, onde culto cristão substitui os deuses romanos como fundamento da estabilidade imperial.

Leithart observa que Constantino frequentemente utilizava títulos genéricos como “Altíssimo Deus” ou “Poder Divino” (Leithart, 2020, p. 96). Historicamente, isso tem sido interpretado como sinal de sincretismo ou indefinição religiosa. O autor, entretanto, argumenta que essas expressões devem ser lidas à luz do contexto imperial do século IV, na qual a afirmação de um Deus supremo implicava um “henoteísmo”, ou monoteísmo em processo de afirmação. Para Constantino, essas expressões serviam para evitar atrito com as elites ainda pagãs, não para diminuir seu compromisso cristão. Para Leithart, essa estratégia demonstra a habilidade de Constantino em se comunicar com todo o império, preservando a integridade de sua fé sem provocar desnecessariamente tensões políticas.

Além disso, o relato de Eusébio, embora exagerado, descreve um Constantino que levava a sério seu devocional, com oração regular, construção de espaços de culto no contexto militar e ações de misericórdia em favor de pobres, viúvas e prisioneiros (Leithart, 2020, p. 98). Leithart sugere que, descontados os exageros retóricos, há fortes indícios de que o imperador via sua autoridade como um chamado divino. Constantino entendeu sua ascensão como parte de um desígnio providencial para libertar a Igreja e promover a difusão da verdade cristã no mundo romano.

Sua percepção missionária fica evidente tanto nas políticas religiosas quanto na maneira como interpreta os sinais celestes associados às batalhas decisivas de sua carreira. O imperador acreditava ter sido escolhido para proclamar o “Filho de Deus aos romanos” (Leithart, 2020, p. 99).

Por fim, Leithart se apoia na síntese de Timothy Barnes, para quem a conversão de Constantino em 312 constituiria um evento espiritual genuíno, responsável por moldar profundamente sua visão de mundo e seus objetivos como imperador. Constantino, apesar de suas ambições políticas e limitações pessoais, acreditava sinceramente ter recebido de Deus uma missão especial de converter o império ao cristianismo e instaurar um governo virtuoso conforme a vontade divina (Leithart, 2020, p. 104-105).

Dessa forma, Leithart propõe que a leitura mais coerente das fontes não é a de um imperador cínico ou meramente utilitário, mas a de um governante cuja fé cristã influenciou profundamente sua prática política, suas políticas religiosas e sua autocompreensão histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com André Daniel Reinke no que este afirma sobre a imagem de Constantino construída por Leithart: “o autor pende para certa idealização de sua figura, suavizando os aspectos sombrios de suas atitudes e caráter” (2022, p. 144)³. É evidente que o autor cumpre o propósito do livro, que é defender Constantino, porém, acaba não contribuindo, como poderia, para uma visão mais realista, que não despreza a possibilidade de Constantino ter se convertido, mas que ao mesmo tempo admite que a religião cristã após este se tornou diferente e, em grande medida, se distanciou daquela que era vivida pelos primeiros cristãos, a partir do que aprenderam de Jesus Cristo.

Se os cristãos devem ser pacifistas, como defendeu Yoder, seguindo os passos de Menno Simons, é difícil dizer, mas não podemos deixar de admitir que Jesus nunca defendeu a mistura da Igreja com o Estado, tendo justamente inovado ao fazer uma separação que, na Antiguidade, era quase inexistente, afirmando: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22.21, ARA). Assim, com a mistura feita por Constantino, que se torna uma espécie de líder do próprio cristianismo, convocando um Concílio ecumênico que foi o de Niceia, em 325, parece que ele estava invertendo as palavras, como se afirmasse: “Dai a César o que é de Deus!” (Ruppenthal Neto, 2019, p. 54).

Assim, mesmo que Leithart desafie a ideia do “constantianismo”, que coloca sobre os ombros do imperador todas as mudanças efetuadas no cristianismo, não podemos negar que ele deu o primeiro passo para uma institucionalização da religião cristã, bem como para, de um lado, a cristianização do Império Romano e, de outro, a paganização do próprio cristianismo. Afinal, a partir da mistura que ele iniciou e que Teodósio,

³ Recomendamos o BTCast 477, “O imperador Constantino”, com Rodrigo Bibo, André Daniel Reinke, Ismael Wolf e Willibaldo Ruppenthal Neto. Disponível em: <<https://youtu.be/Nz-VvMtD2zY?si=NL-1QksQ-SdIxFD8r>>. Acesso em 21 de outubro de 2025.

de certo modo, concluiu, “a pessoa passa a nascer cristã como se nascia pagão” (Veyne, 2011, p. 178), ao invés de ser desafiada a transformar sua vida a partir de um entendimento genuíno do Evangelho.

REFERÊNCIAS

- CAPRINO, Andréia Rosin. As virtudes de Constantino versus os vícios de Maxêncio e Licínio segundo a História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia (306-324). **I Seminário Internacional de Estudos sobre a Antiguidade e o Medievo: Ocidente e Oriente**. 11 e 12 de abril de 2017a, p. 34-49.
- CAPRINO, Andréia Rosin. **Legitimidade do poder imperial de Constantino na obra História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia (306-324)**. Dissertação de Mestrado (História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017b.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística, 15).
- REINKE, André Daniel. Resenha: LEITHART, Peter. **Em defesa de Constantino: o crepúsculo de um império e a aurora da cristandade**. Tradução de Natan Cerqueira. Brasília: Editora Monergismo, 2020. Revista Historiador, n. 15, p. 137-145, dez. 2022.
- RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **História do Cristianismo I**. Curitiba: FABAPAR, 2019.
- VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão: 312-394**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.